

Candidato de primeiro turno

Villas-Bôas Corrêa

O dr Ulysses Guimarães está de pazes feitas com a popularidade, mergulhado até o pescoço nas águas mansas da euforia, ensopado de ilusão e com a fogueira da ambição novamente ardendo em brasas, depois de duros tempos de fogo morto e de penosa conformação com uma realidade que decepava esperanças e denunciava crassos equívocos da liderança acumulada.

A Constituinte empacou e o seu presidente chegou a provar a estridência das vaias sopradas pelas desabusadas bochechas sindicais. A outra presidência, a do PMDB, transformou-se num martírio, purgado no silêncio dos raros instantes de solidão. Nada mais parecia soldar os pedaços de uma legenda que se desmanchava nas contradições sempre contemporizadas e que pipocavam nas desavenças não mais dissimuladas pela tática marota do licenciamento do partido na Constituinte, no escapismo sistematicamente praticado por esperteza e cálculo. Mas que se voltava contra a unidade artificial, como bumerangue lançado por mãos desastradas.

Até a desativada presidência da Câmara, empalmada num erro de avaliação, se não provocava graves amarguras, ajudava no desgaste da imagem pela inação do paquíderme burocrático, intocado pela administração moralizadora do PMDB, a esburacar orçamentos e roer verbas com a voracidade do cupim.

Sobravam, para o consumo das vaidades cultivadas para dentro, na delícia da privacidade, as interinidades na presidência efetivamente desejada, a da República, que por duas vezes lhe escapara por entre os dedos, nas trapaças do destino.

Pois de repente tudo mudou da água poluída pelas enchentes para o vinho de safra escolhida, envelhecido em adegas de fruíme perfeito. E foi tudo inesperado, quase que por acaso. O dr Ulysses não fez mais do que esticar a mão para colher o fruto maduro e à beira do caminho.

Ora, estava o dr Ulysses embaraçado na sua camisa de onze varas quando o governo abana um confronto com a Constituinte e arma o cenário para o lance reabilitador. O resto é sabido. Uma das frases do dr Ulysses, um mestre no ramo, ricocheteou, queimando, por entre os ministros militares, solidários com os três patetas de etiquetagem equivocada, mas garantiu a apoteótica manifestação do plenário, a aplaudir de pé o defensor da Casa agredida.

Estava escancarado o caminho para a ascensão, a passo cadenciado ou mesmo no galope da pressa.

Ao entrar em choque aberto com a Constituinte, o presidente José Sarney selou a sorte da pretensão aos cinco anos de mandato. Elementar: a Constituinte só ancoraria no adiamento das eleições diretas para 89 pelas suas razões e pelos seus interesses e na maior moita, sem bulha e sem ondas. Nunca para atender a um pleito do governo, ainda que com o caldo açucarado do pagamento antecipado, atento ao conselho do dar para receber.

Num estalo de dedos, instalou-se a convicção sólida de que os quatro anos estão decididos. É questão de tempo, de esperar a hora da votação. A virada prenuncia uma decisão sustentada por maioria esmagadora, com diferença que elimina o questionamento. A todo dia engrossa a lista dos que saltam dos

constrangimentos dos cinco anos para a liberação dos quatro anos de inequívoca identificação com a opinião pública, com a inclinação das ruas.

A adaptação ao novo quadro, à perspectiva que alterou cálculos e esquemas, foi rápida. Como se impunha. O PMDB mirou-se no espelho das suas conveniências e constatou que estava nu, sem candidato. Para dar a volta por cima, só mesmo apelando para a solução natural, a histórica, que não atropela ninguém porque muitas vezes preterida. O salto ficou fácil com a reabilitação do dr Ulysses. Tudo está se acomodando nos acolchoados da vida. O PMDB, de novo reunificado, embora com algumas defecções, está aí de candidato em riste. E o dr Ulysses bem que merece a reparação da glória.

Vamos devagar com o andor. A candidatura do dr Ulysses, nesse renascer em pleno verão de dilúvios, pode até vingar, levar de arrastão, na vaga emocional, a Convenção do PMDB, quando ela for chamada a eleger, pelo voto, o candidato de um partido nas comichões da abertura. Só o que está com jeito de um modismo, de acomodação circunstancial, dessas coisas que vão e vêm, chegam e passam. Por muito que o dr Ulysses seja credor das homenagens e da gratidão de todos nós pelos muitos serviços prestados na hora do risco, com bravura e obstinação.

As regras do jogo eleitoral devem, certamente, confirmar a novidade da eleição em dois turnos. O que significa que o primeiro, com 10, 12, 15 candidatos pelas muitas legendas do quadro partidário inflacionado, será necessariamente classificatório. Improvável, quase impossível que um candidato, na mediocridade dos disponíveis, atinja a marca da maioria absoluta.

Então, para o primeiro turno, a candidatura do dr Ulysses vem mesmo a calhar. Desde que apoiada pela máquina do partido, ela chegará lá, ao primeiro ou segundo lugar de uma eleição enlouquecida pelo excesso de candidatos.

Mas a eleição não acaba na primeira rodada de urnas. Quarenta e cinco dias depois, o segundo turno confrontará, no mano a mano decisivo, os dois classificados. Em campanha curta, grossa, no vale-tudo no qual o rádio e, principalmente, a televisão terão influência arrasadora.

Ora, para o rádio e a TV o dr Ulysses não dá. Nem a estampa, sulcada pelo tempo, projeta-se bem pelas câmeras de TV nem a eloquência do candidato sazonal se ajusta à implacabilidade dos registros dos microfones. Isso a frio. Imagine-se no calor do debate. O dr Ulysses, com toda a sua experiência mas por desajustamento insuperável à objetividade seca do rádio e às exigências da TV, será massacrado por qualquer opositor com alguma habilidade, mais solto, à vontade diante dos focos de luz, das perguntas agressivas, do revide pronto. Com o Brizola, para ficar no exemplo do presidente Sarney, seria um massacre. O mesmo que atirar o Maguila contra o Mike Tyson.

O que hoje parece um tanto confuso, envolto em brumas, ficará claro, transparente, quando da definição das regras pela Constituinte. Então, e só então é que se vai saber se o dr Ulysses é mesmo um candidato para valer ou se a sua candidatura, além da homenagem, apesar de toda a badalação, não é um truque, um expediente para apressar a Constituinte, adiar a implosão do PMDB e dar um tempo para que a sucessão para valer seja deflagrada num cenário definido.

JORNAL DO BRASIL

ARC p. 11

26 FEV 1988